



Exposição Coletiva

QUADRANTES 6

Anna Camporese

•

Mauro Sampaio

•

Yago Saraiva

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição coletiva



Quadrantes 6 (2024 : Brasília, DF)
Quadrantes 6 [recurso eletrônico] / Anna Camporese, Mauro Sampaio,
Yago Saraiva. – Brasília : Câmara dos Deputados, Centro Cultural, 2024.

Título aparece no item como: O Centro Cultural Câmara dos Deputados
apresenta a exposição coletiva Quadrantes 6.
Catálogo da exposição realizada na Câmara dos Deputados, Galeria
Décimo, Anexo IV, de 8 de agosto a 12 de setembro de 2024.
Versão e-book.

Modo de acesso: bd.camara.leg.br
Disponível, também, em formato impresso.
ISBN 978-85-402-1028-8

1. Fotografia, exposição, Brasil, catálogo. I. Camporese, Anna. II. Sampaio, Mauro. III.
Saraiva, Yago. IV. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Centro Cultural.
V. Título.

CDU 77

Bibliotecária: Fabyola Lima Madeira – CRB1: 2109

ISBN 978-85-402-1027-1 (papel) | ISBN 978-85-402-1028-8 (e-book)

QUADRANTES 6

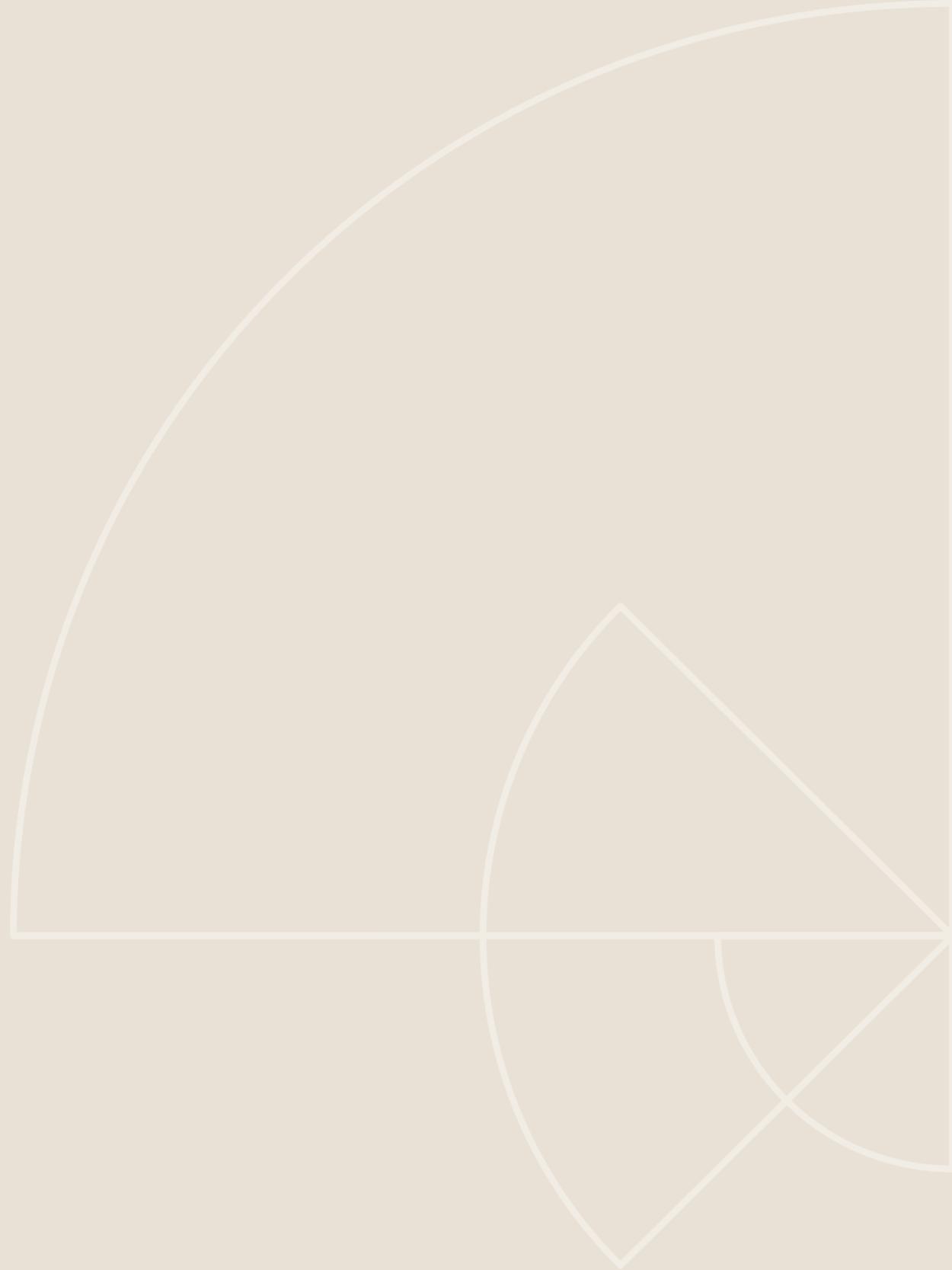
Anna Camporese

•

Mauro Sampaio

•

Yago Saraiva



O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.

Desde sua invenção até a pós-modernidade, a fotografia foi excluída dos espaços de arte, sendo entendida apenas como um instrumento de reprodução do que se valia como arte. Diferente da pintura, a fotografia não era vista como uma produção autorreferente, mas sim pelo discurso externo que sua imagem carregava. Dessa forma, seguiu um caminho paralelo em diversas áreas, como no jornalismo, na publicidade e nas ciências, tornando-se um instrumento institucional crucial para a nova sociedade que emergia.

A reclassificação da fotografia foi um processo longo e marcado por embates com a pintura, soberana até então, nos espaços destinados à produção artística. Neste contexto, a suposta falta de subjetividade da técnica fotográfica se apresentou como uma crítica recorrente. No entanto, no transcorrer da história, sempre houve fotógrafos que compreendiam e manipulavam a técnica de maneira a transpor este entendimento e aplicar o seu próprio discurso em sua impressão fotográfica. Eles abraçaram a subjetividade que sempre esteve presente em cada ação.

A fotografia se afirmou como processo artístico e conquistou seu espaço no sistema da arte, transmitindo ao espectador a expressão do artista e alcançando muito além do que está representado

na imagem. Sendo assim, ela se configura como uma forma de abstração, conduzida pela percepção. A fotografia é autêntica e não imprime apenas a coisa retratada, não está imune ao mundo que a cerca; é, na verdade, seu reflexo.

A exposição coletiva *Quadrantes*, que está em sua sexta edição, apresenta a técnica fotográfica exatamente dessa forma, como autônoma e autorreflexiva, através de fotógrafos que têm a impressão do espaço e do que o ocupa como ponto convergente entre seus trabalhos singulares.

Anna Camporese explora a natureza como abrigo. Permanecer na sombra formada pelas copas das árvores permite ao olhar avistar a luz do sol. Em suas imagens, a luminosidade atinge o segundo plano, oferecendo a variação dos tons de verde que se apresenta a cada espécie da floresta que conquista – um movimento que ela realiza na introspecção de si mesma. No entanto, ao trazer a série *A mera réstia* ao público, ela adota o movimento contrário, entregando ao observador a possibilidade de alcançar, com a mesma suavidade com que foi capturada, as nuances da sua própria história impressas na vegetação que nasce a partir das velhas trilhas tomadas pelo tempo.

"Existe uma corrente que diz que a fotografia é objetiva, representa uma realidade, nem mais nem menos. Ela é imparcial e mostra a realidade total. Não é verdade. Isto é a maior mentira do mundo. Você não fotografa com a sua máquina. É a coisa mais subjetiva que existe. Você fotografa com toda a sua cultura, com os condicionamentos ideológicos. Você aumenta, diminui, deforma, deixa de mostrar. (...) A fotografia é uma maneira de viver, de continuar o trabalho social e ideológico."

Sebastião Salgado, 1981

Itaueira, de Yago Saraiva, abandona o silêncio da floresta de Camporese para o burburinho das ruas da cidade onde reside. Em seu caminhar pelo espaço urbano, encontra os movimentos do corpo social em suas mais diversas abordagens, conta o que são e como são. No entanto, não é possível ultrapassar do espaço público para o privado, pois o acesso permitido é apenas do lado de fora, onde há brincadeira, reza, futebol, espera, conversa, trabalho, música, interação e solidão. Se parar por um instante, é possível ouvir as vozes e sons advindos de tais atividades corriqueiras, pois o artista abre caminho para acompanhar o cotidiano das pessoas que ali habitam. Percebe-se a existência e convivência através de seus corpos e olhares que interagem entre si e, no limite, com o observador.

Tal interação é impossível e, principalmente, não desejada em *A fama da passarela*. Mauro Sampaio escolhe como ângulo o alto da ponte que liga um dos edifícios da Câmara dos Deputados à Praça dos Três Poderes. O olhar dos que ali transitam não pode ser visto, e os sons não podem ser ouvidos de tão longe. Não há qualquer tipo de vegetação entre o pavimento de pedra e o espelho d'água que constroem a paisagem, em contraste com a amplitude dos bosques ou a proximidade da cidade interiorana. O ponto de convergência se dá na importância do

espaço, que é igualmente protagonista desta série. Através de suas fotografias, o artista transforma o indivíduo e a sua passagem. Ele compõe diversos e curiosos quadrantes com os corpos e objetos daqueles que atravessam a passarela, transmutados em diminutas partes que formam o todo, oferecendo infinitas possibilidades de composição.

Ao percorrer a mostra, é possível perceber que Anna Camporese, Mauro Sampaio e Yago Saraiva partem de motivações e processos criativos diversos, mas encontram na fotografia um fim em si mesma, sem inocência, com o seu devido significado e interpretações que são tão afeitas ao papel do artista. Cada um exerce este papel de forma autônoma em suas séries, mas nunca de maneira isolada. A partir daí, tudo é subjetividade, tudo é escolha; tudo parte do artista e do que lhe é oferecido pelo espaço eleito, independente da intenção que lhe valha.

Clarissa Coelho de Castro
Mestra em Arte Contemporânea
Universidade de Brasília



A MERA RÉSTIA

A *mera réstia* teve início em 2022, a princípio como algumas fotografias ainda sem nome, agrupadas em uma série somente depois de meses. Sempre tive dificuldade para recontar o que me levou a esse trabalho e o processo por trás, afinal, ele não foi executado em etapas, nem pensado metodicamente antes de acontecer. Fotografava, naquela época, assim como faço hoje, movida por um impulso inexplicável.

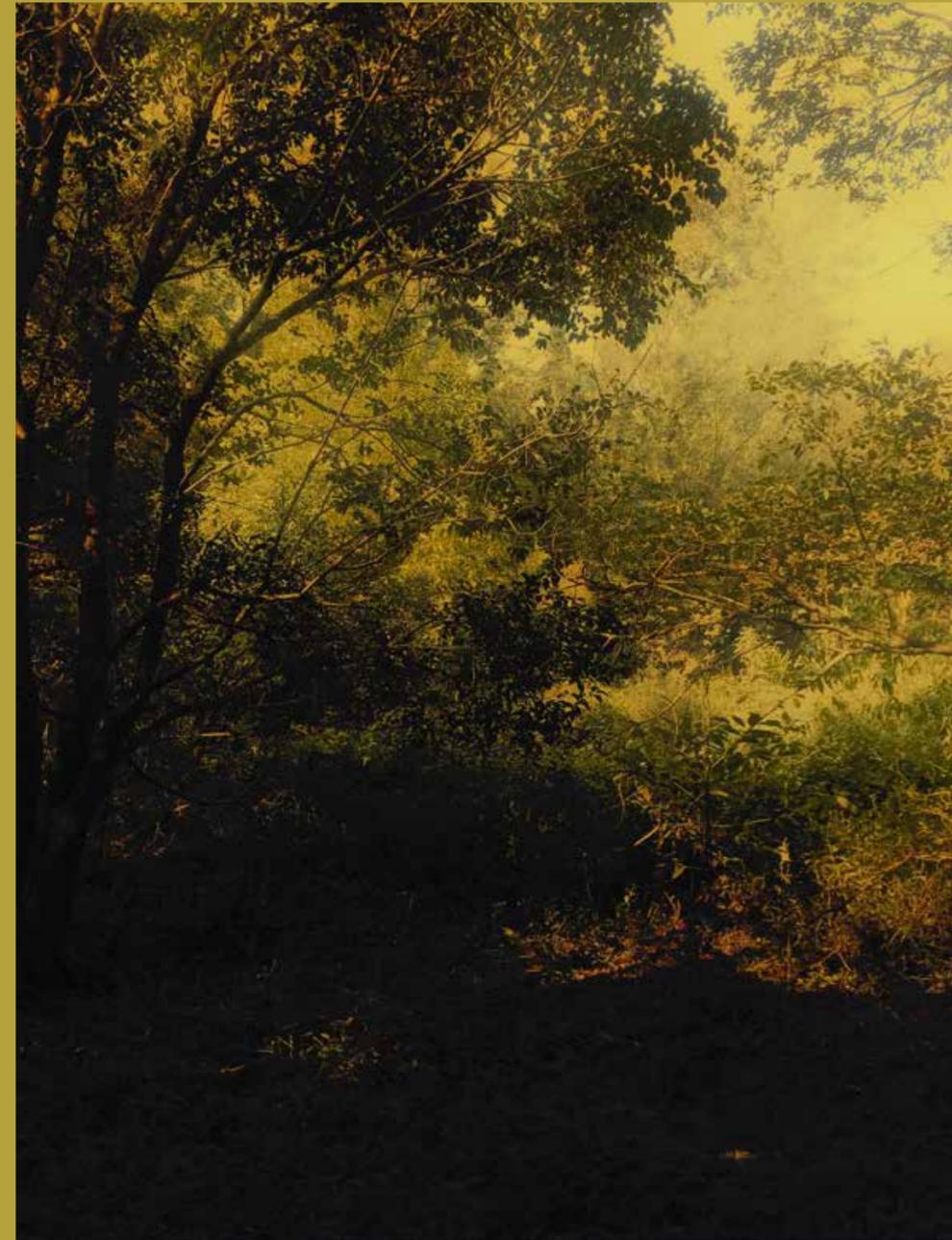
Algo se deu naqueles momentos de silenciosa meditação. Alguma coisa naqueles bosques perto de casa fazia emergir da memória uma força criativa: havia um chamado inquietante para retornar a um estado anterior. A vida que existia ali ia ao encontro de uma atmosfera que me impelia a criar, uma paisagem interna de crise e desolação. Era um momento sensível para a imaginação. Lembro que estávamos no outono. Fazia frio e eu caminhava pelos bosques perto de casa. Naquelas andanças, que se repetiram por meses a fio, reencontrei lugares que não via desde a infância. Refiz trilhas onde, uma vez, meus pais me guiavam pela mão. Talvez toda a paisagem estivesse mesmo desfigurada pelo tempo, talvez os caminhos nem fossem mais os mesmos, mas todos acabavam me levando ao mesmo ponto sempre: uma paisagem eterna, a memória de um mundo infantil que resistia a todas as estações da vida.

Fui, aos poucos, então, me dando conta de que aquele cenário ocupava a minha mente muito mais do que eu imaginava. Tudo aquilo compunha o meu mundo interior e, à medida que eu julgava desbravar certos lugares, descobria que eles se aproximavam daqueles que já existiam dentro de mim, sob formas e brumas já conhecidas; aquela aventura, que eu acreditava ser previsível, se revelava cada vez mais inatingível, inacessível em toda a sua fonte inesgotável de mistério. Todas as minhas lembranças estavam já povoadas daquela cor. Era assustadora e, por vezes, ininteligível a extensão da memória e sua preponderância no presente, um presente tão quebradiço, que facilmente escapava diante de tão pouco. E isso vinha à tona quanto mais as fotografias, despretensiosamente, se acumulavam ao longo daquele ano.

Entretanto, repito, não havia, de fato, qualquer intenção naquelas jornadas diárias. Era como um ritual: saía de casa e me deixava levar. Não deixava a câmera a postos, apenas me deixava levar. Tinha uma necessidade, comparável às necessidades de sobrevivência, de estar só e não me esforçar para fazer mais nada. A partir daquele instante, tudo deveria fluir em mim, mesmo que por breves momentos, como a vida fluía tão leve e suavemente ao redor.

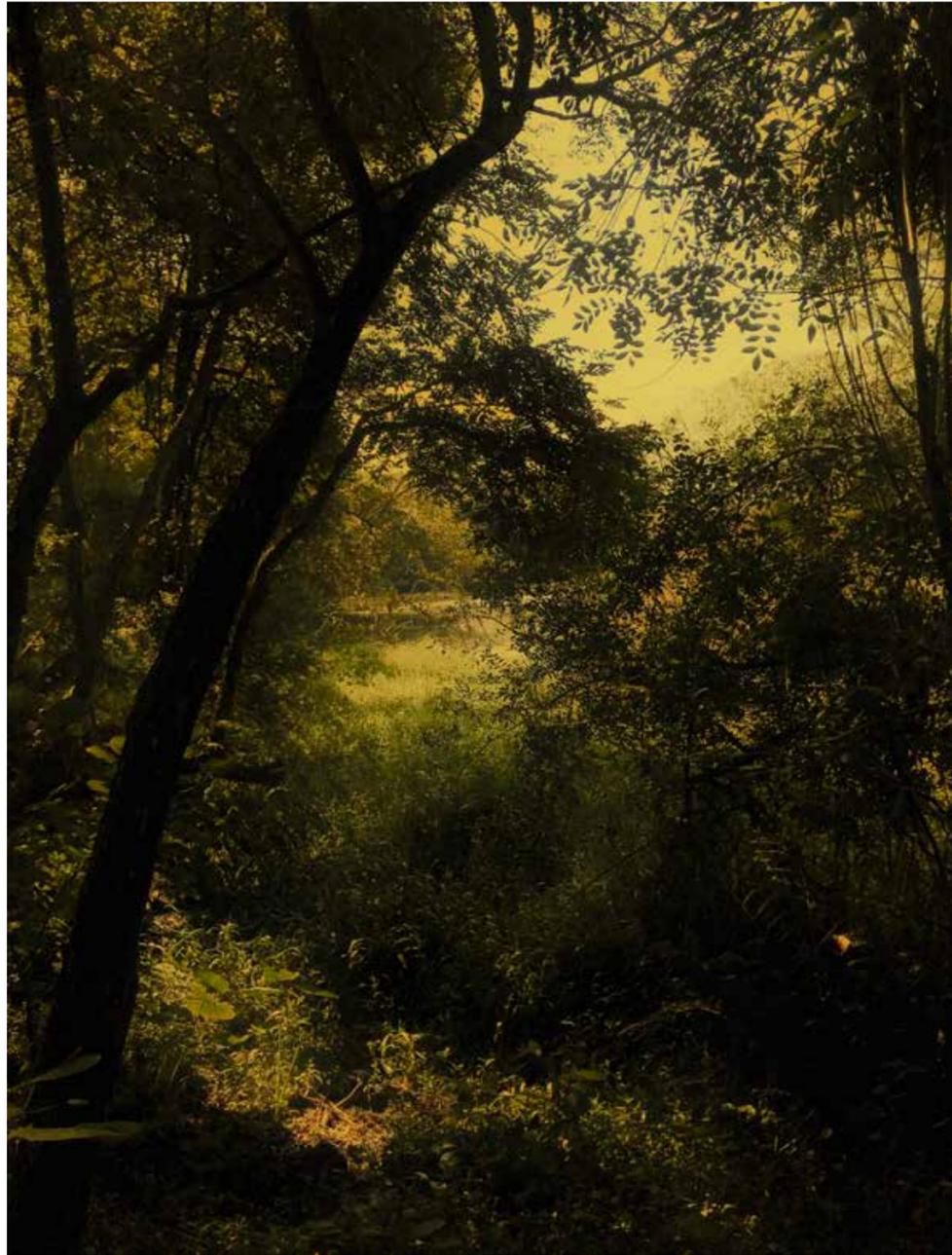
Vivíamos tempos difíceis, uma crise familiar sem precedentes já nos acompanhava por um longo período. O indizível parecia ditar ou, pelo menos, já direcionava todos os nossos hábitos, consciente e inconscientemente. Eu observava aquela natureza tão enigmática em sua forma de corresponder à minha própria vida e refletir todas as minhas lembranças, e fazia isso com tanta insistência, minha mãe costumava mesmo dizer que era como uma oração; aquela natureza, que eu compreendia intuitivamente, me reconduzia a uma sensação de equilíbrio que havia se perdido. Suas feições me eram tragicamente familiares – ela era sempre um regresso a tudo que nunca havia sido apenas passageiro.

Tive, então, enquanto organizava este projeto, um momento de clareza: todo o verde da infância sempre foi o sumo da existência. Era como se uma luz do mesmo tom que coloria a minha infância fosse derramada por aquela mata e ela sempre estivesse em movimento, nunca imóvel no tempo, mas me seguindo ao longo de toda minha vida. Então, percebi que me lembrava daquele mundo justamente por causa de sua luz. Havia sempre algo luminoso sobre ele, as árvores nunca estavam em completa escuridão. Elas emitiam uma luz própria, única e eterna a cada ser vivo. A floresta também era, em certa medida, um grande criadouro de luzes. E, assim, até o que parecia uma mera réstia banhava tudo como um sinal de vida e se transformava, ao mesmo tempo, em um rastro criador e criatura.



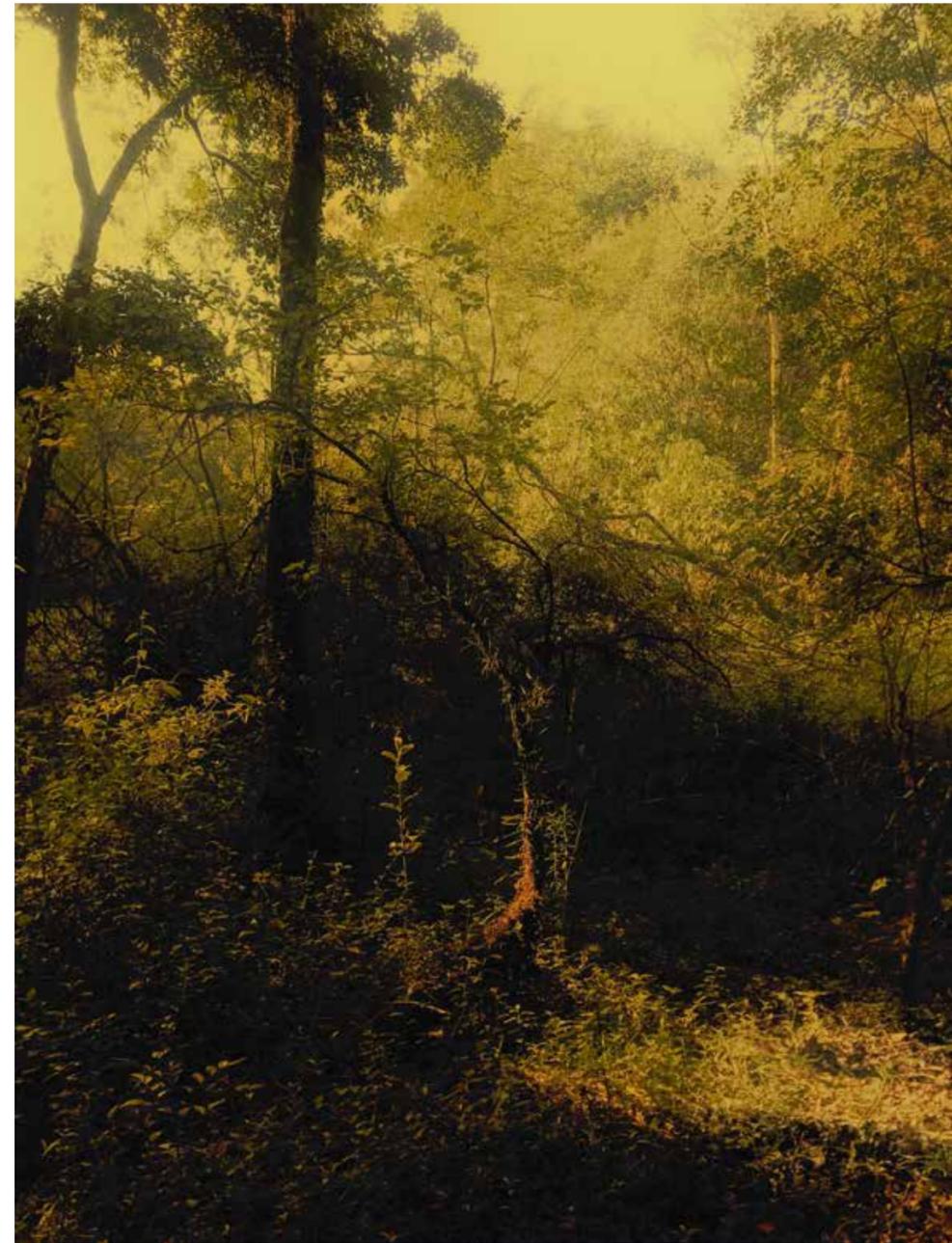
VI
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

10

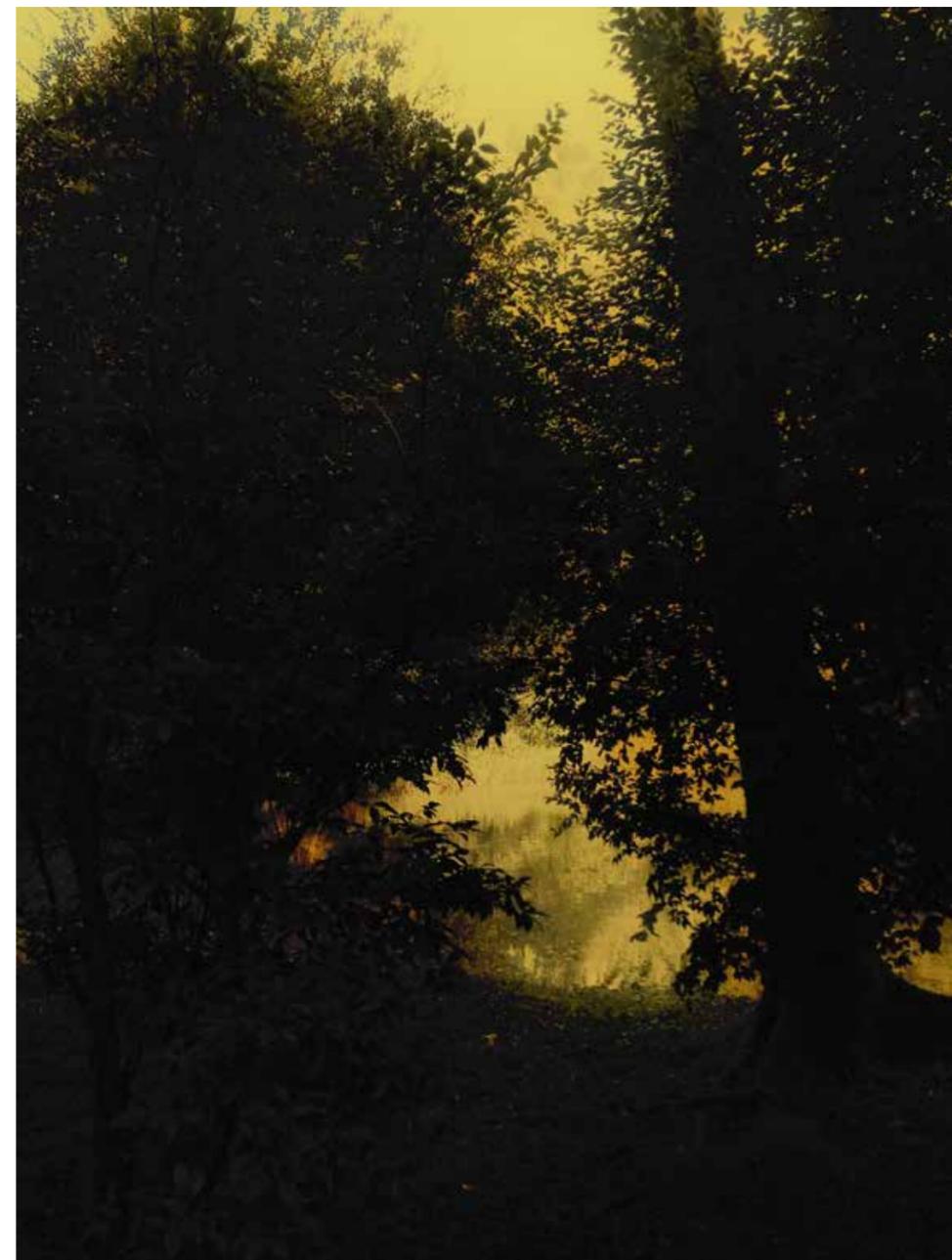


I
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

11

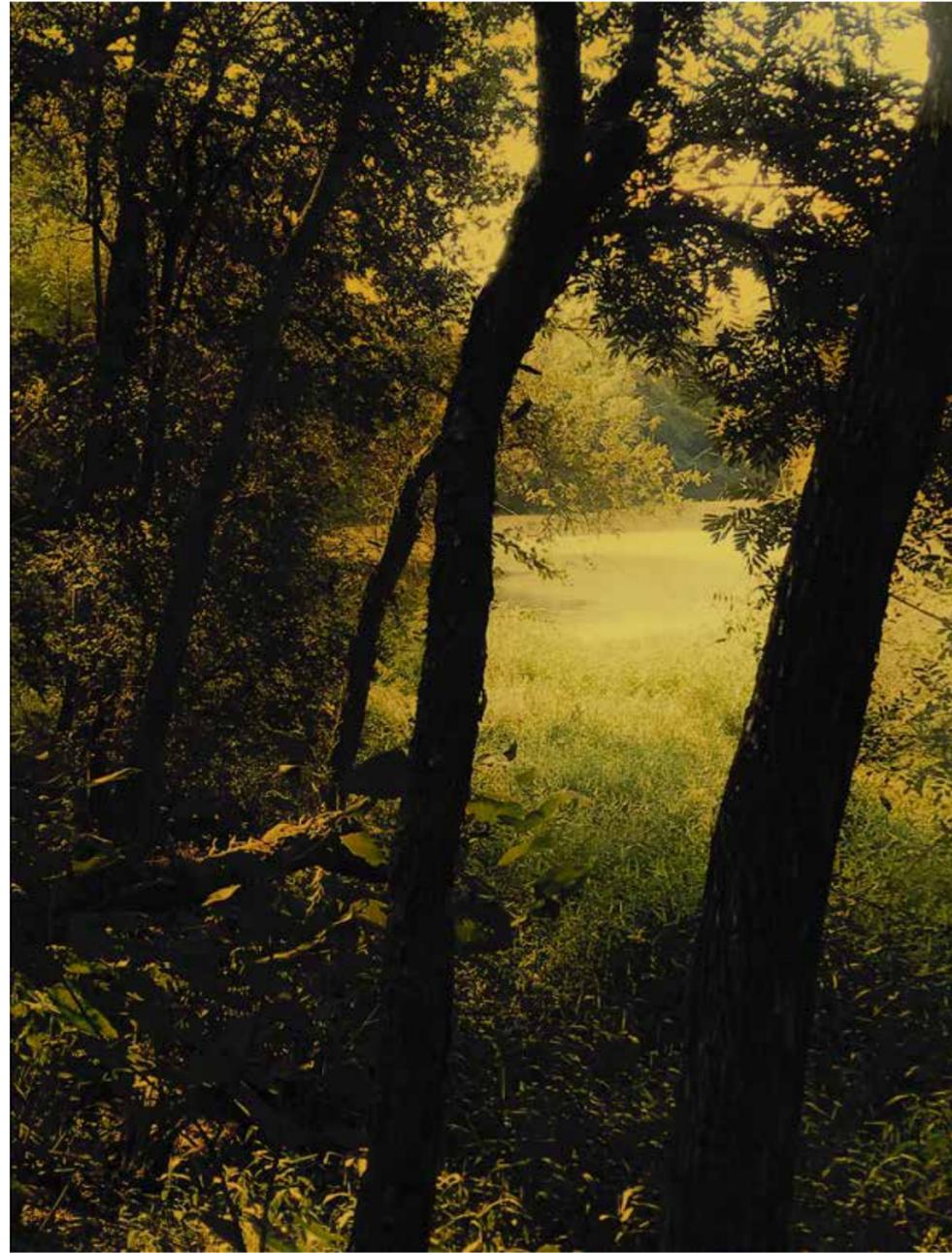


V
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

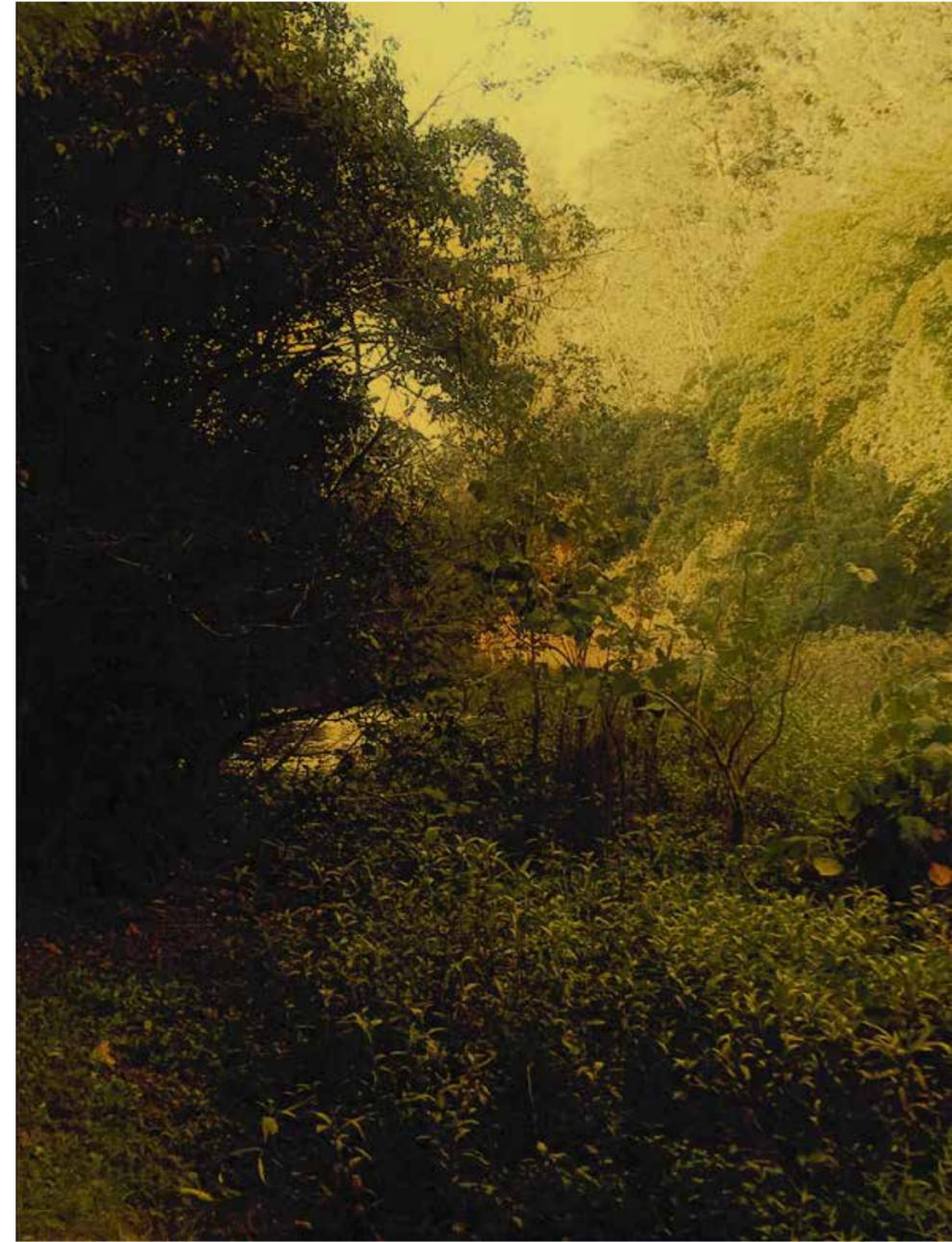


VIII
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

IV
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

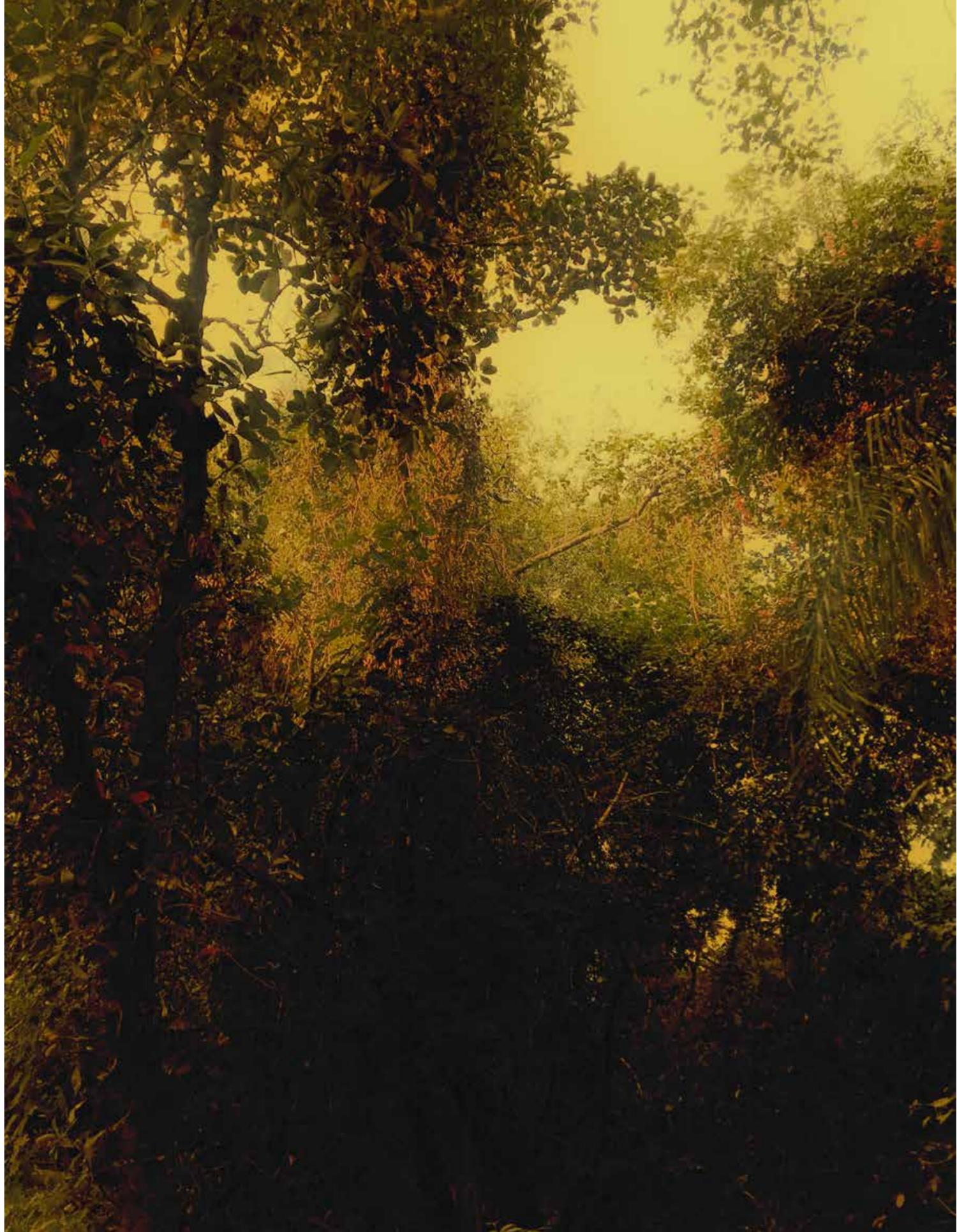


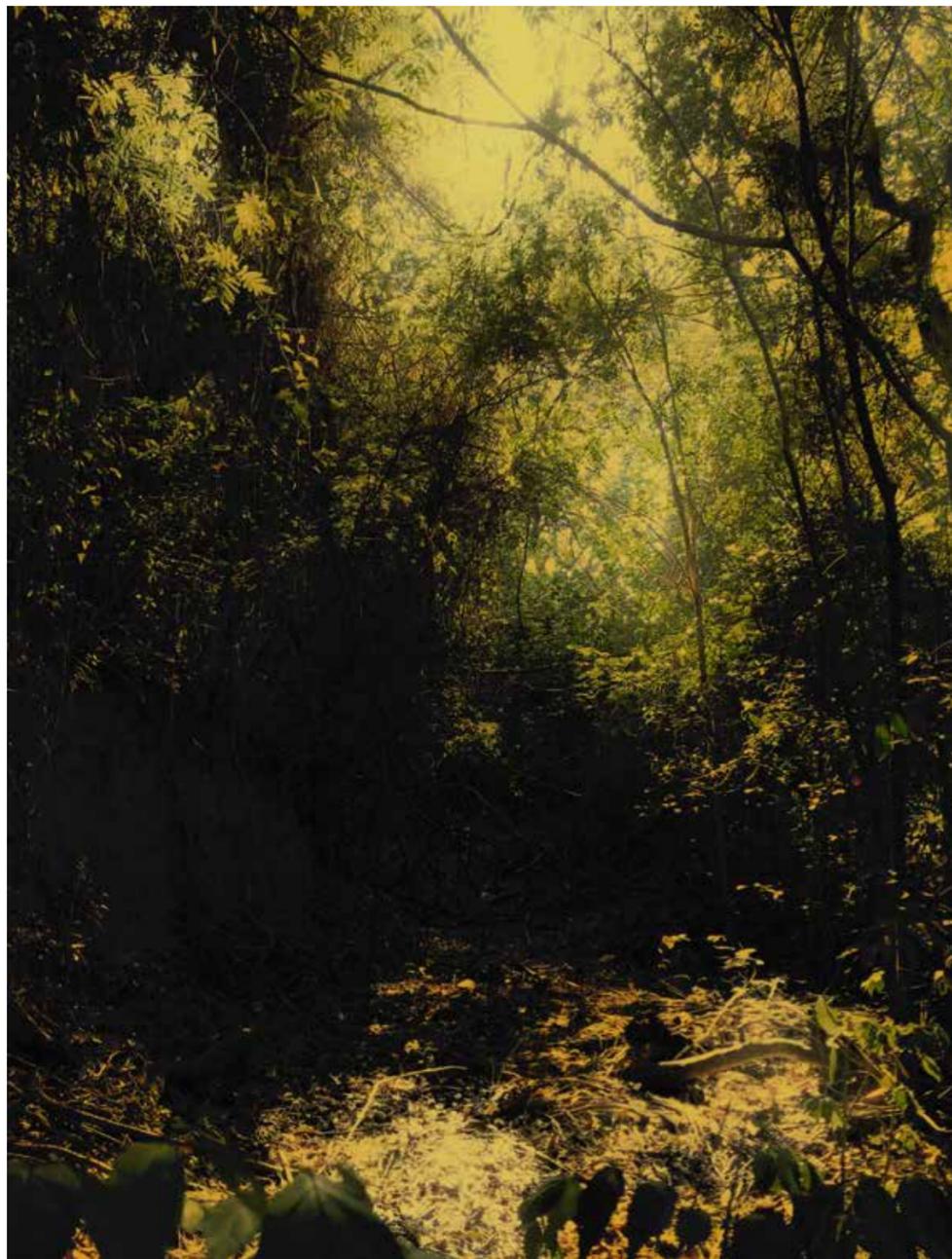
III
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022



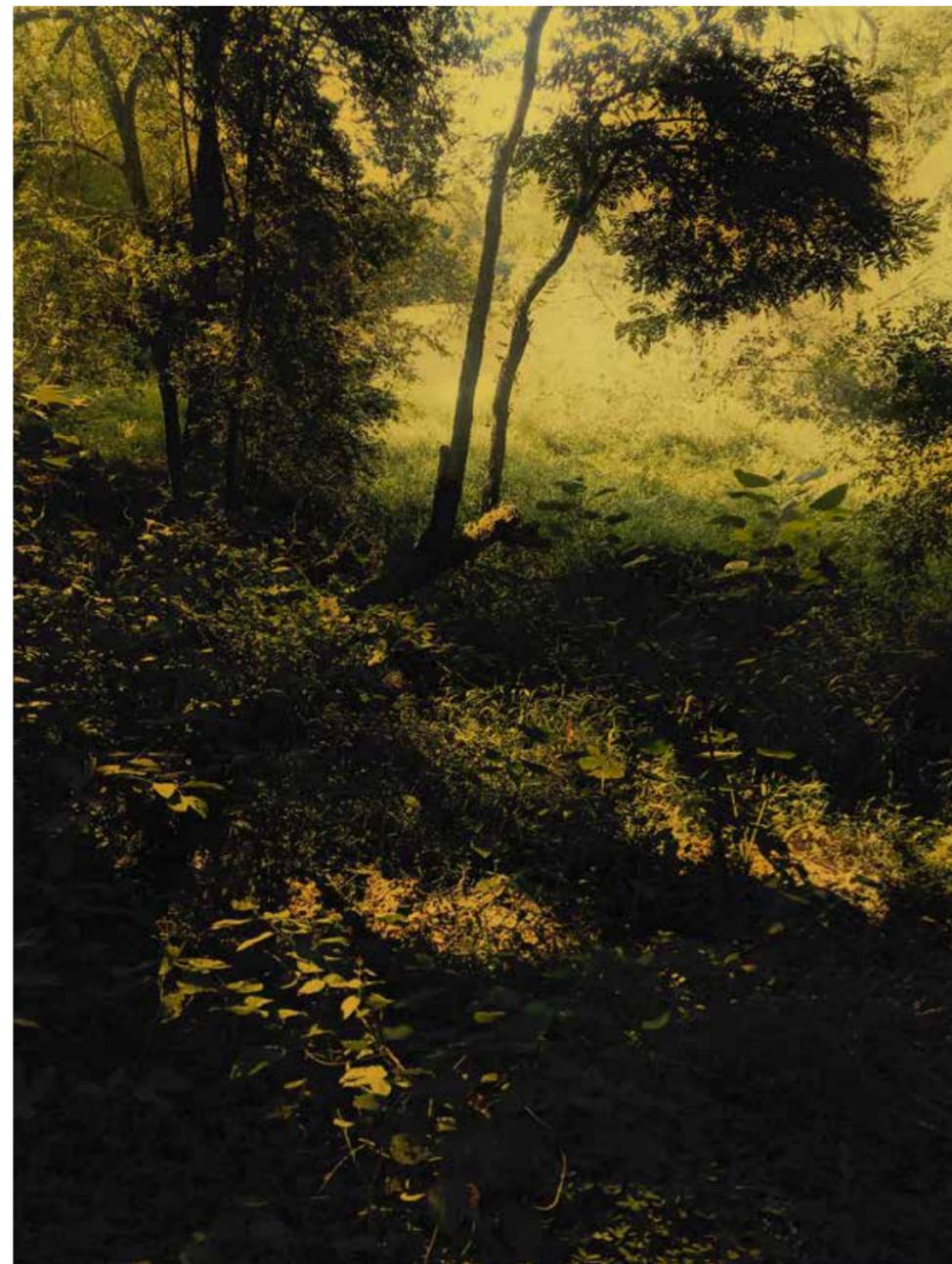
VII
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

X
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022





IX
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022



II
Revelação sobre papel fotográfico satin
80 x 60 cm
2022

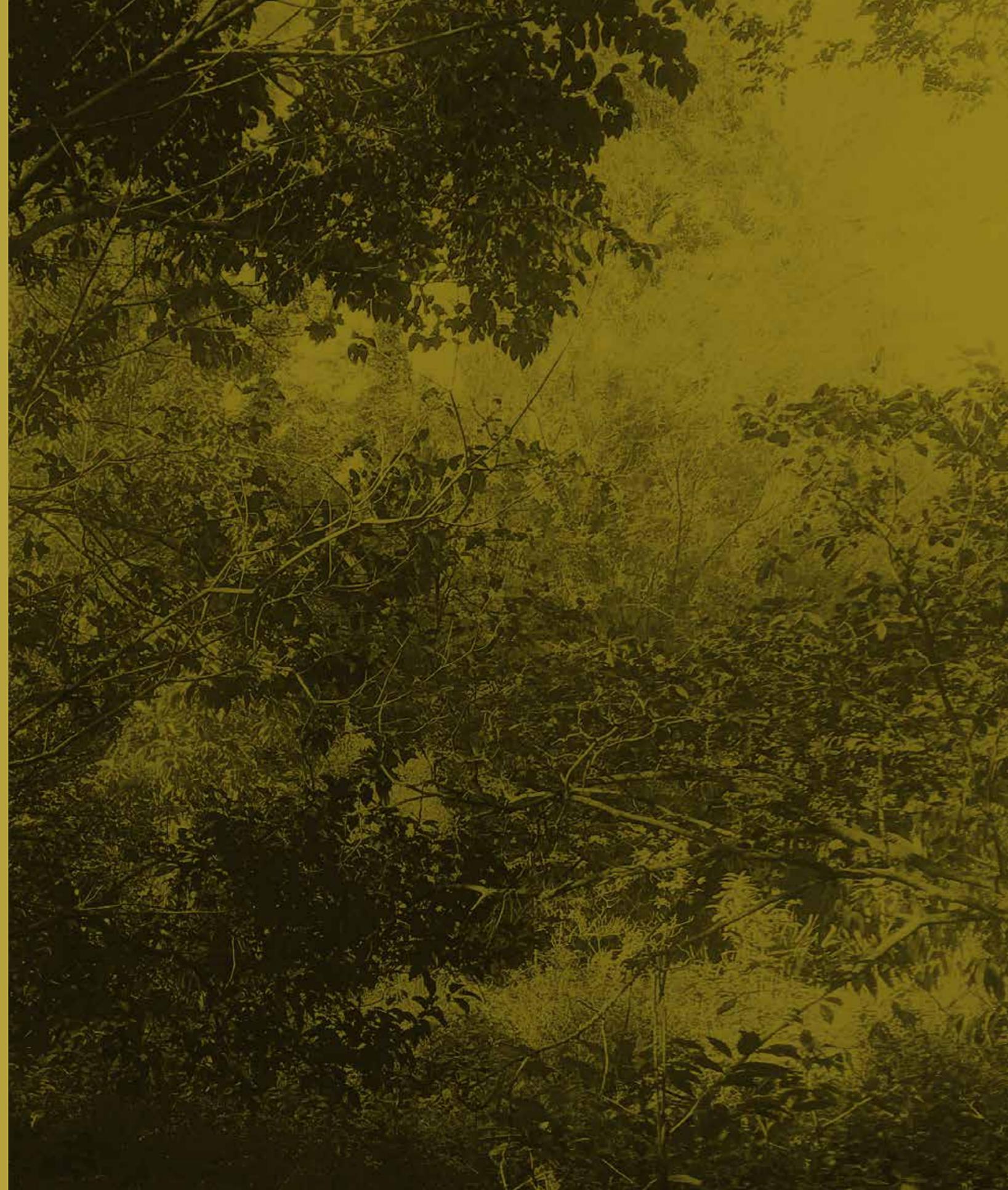


ANNA CAMPORESE

Anna Camporese tem 21 anos e é natural de Sorocaba (SP). Nascida e criada no interior, conviveu, desde cedo, em meio às paisagens que definiram, de forma irreversível, o rumo de sua memória e do trabalho que aqui assina. Em 2022, começou a experimentar com a fotografia.

A mera réstia, seu projeto estreado, é uma série de 40 imagens que, segundo relatos pessoais, surgiram por acaso. Essa série, inscrita no Edital do Centro Cultural Câmara dos Deputados em 2023, deu ainda origem a outro trabalho, o diário de fotografia, não publicado – *A recordar a luz*, de 2022.

Por enquanto, Anna tem casualmente se dedicado à fotografia, com foco em paisagens, naturezas-mortas e sítios históricos abandonados. Seus registros da antiga Estrada de Ferro Sorocabana e suas ruínas compõem a série intitulada *Sorocabana*, de 2023. Desde 2022, Anna tem se concentrado em aprofundar seus conhecimentos sobre fotografia e pintura e explorar, sempre de forma livre e autônoma, as possibilidades que interconectam esses meios. Para ela, o interesse por pintura se revelou indissociável de sua trajetória. No momento, Anna planeja cursar Cinema e Audiovisual e publicar, no futuro, seus diários de fotografia.





A FAMA DA PASSARELA

22

A passarela que leva à entrada lateral do Anexo I da Câmara dos Deputados – a torre direita do Congresso Nacional, sentido Esplanada dos Ministérios–Praça dos Três Poderes – apresenta um charme fotográfico, especialmente se visualizada do alto.

A edificação, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer para abrigar a Casa dos que se colocam como representantes do povo (atualmente, 513), tem valor histórico-contemporâneo no cenário político, com a transferência da capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central do Brasil, em 1960.

Daquela década até 1985, uma curta democracia e a longa ditadura militar, que tolheu e fechou algumas vezes o Parlamento. Avanços e desarranjos se sucedem no país redemocratizado, mas continua em curso o mais longo período de eleições gerais consideradas livres.

A passarela oferece, a quem a atravessa, conexão imaginária com tantos momentos e movimentos de relevância nacional.

Há três possibilidades de plano de fundo: a cúpula da Câmara dos Deputados, a Praça dos Três Poderes e a própria torre de 100 metros e 28 andares. Ela está sobre um espelho d'água que amplia a beleza do conjunto arquitetônico. Há luz solar e sombreamento ao longo do dia.

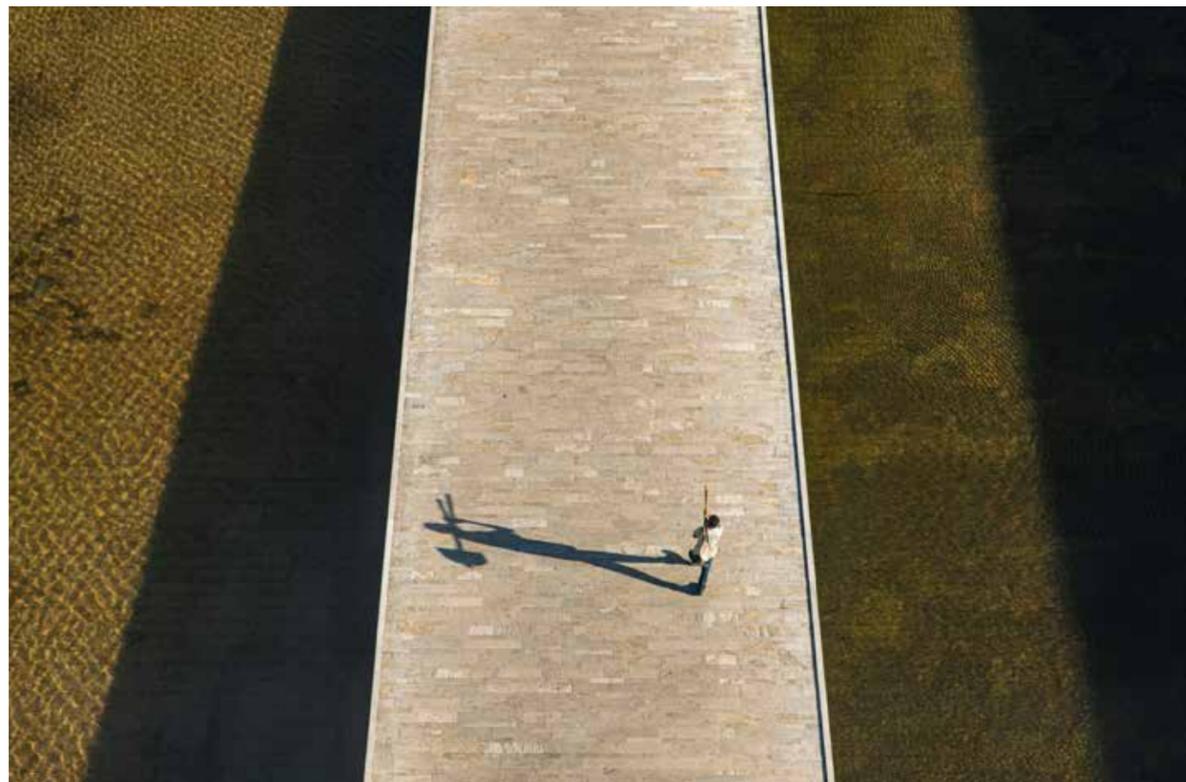
Visitantes (com seus mais diversos interesses, inclusive apenas turistar), parlamentares e funcionários do Poder Legislativo promovem a humanização do espaço e dão fama à passarela.

23



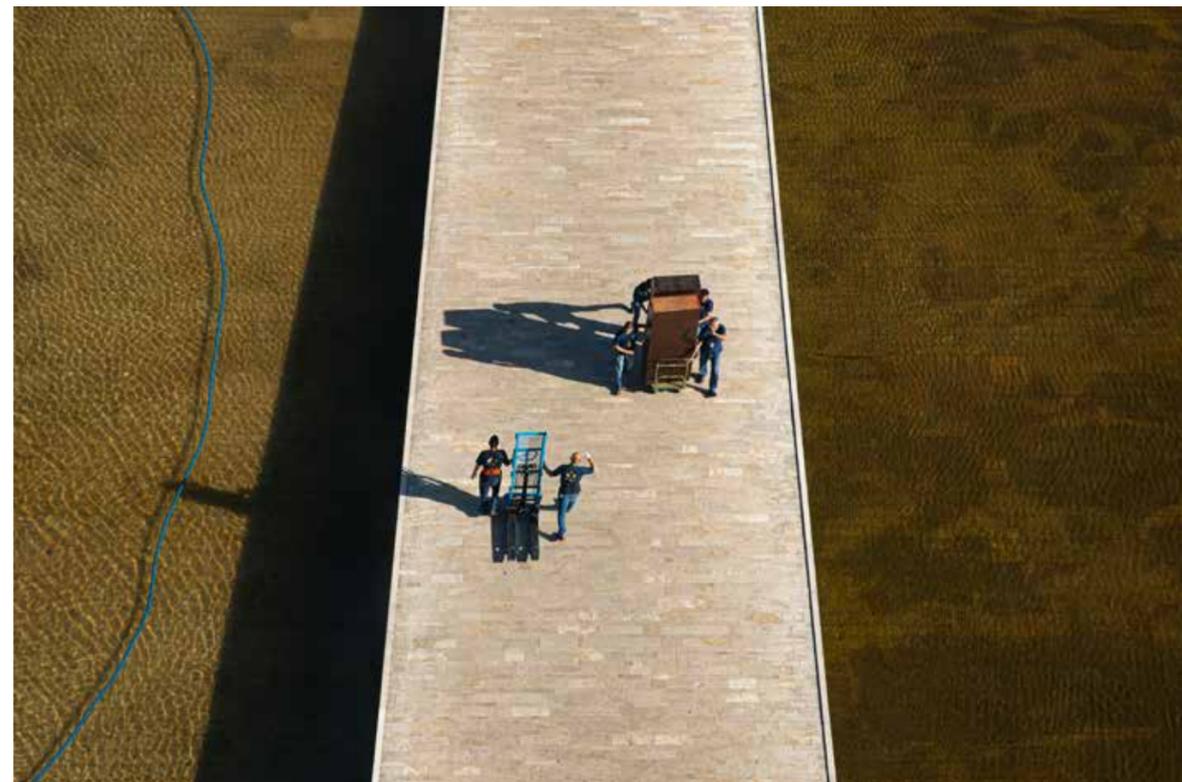
Sem título
Fotografia digital
45 x 30 cm
2023

24

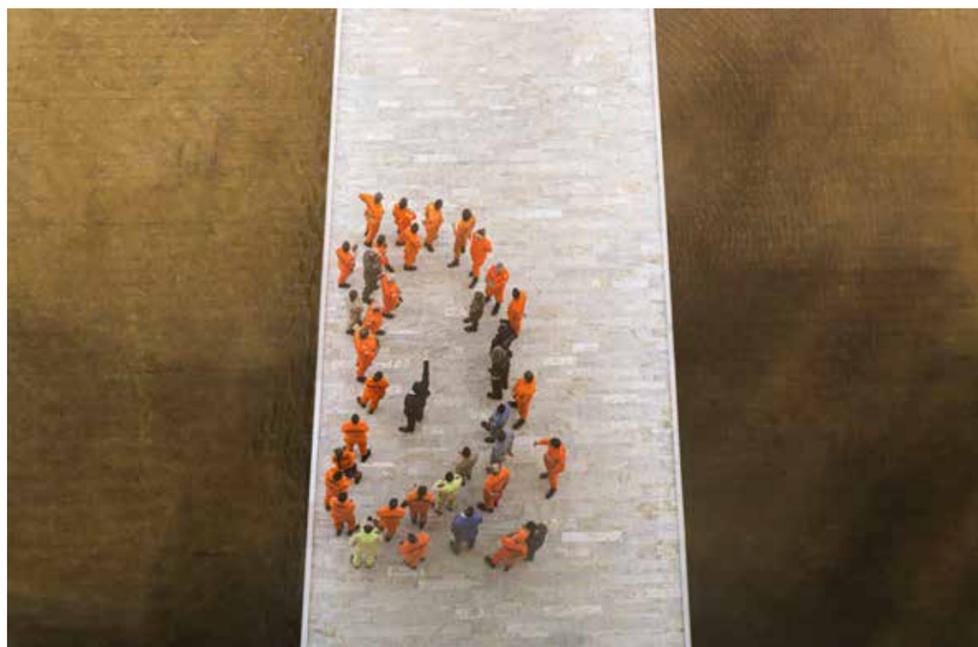


Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023

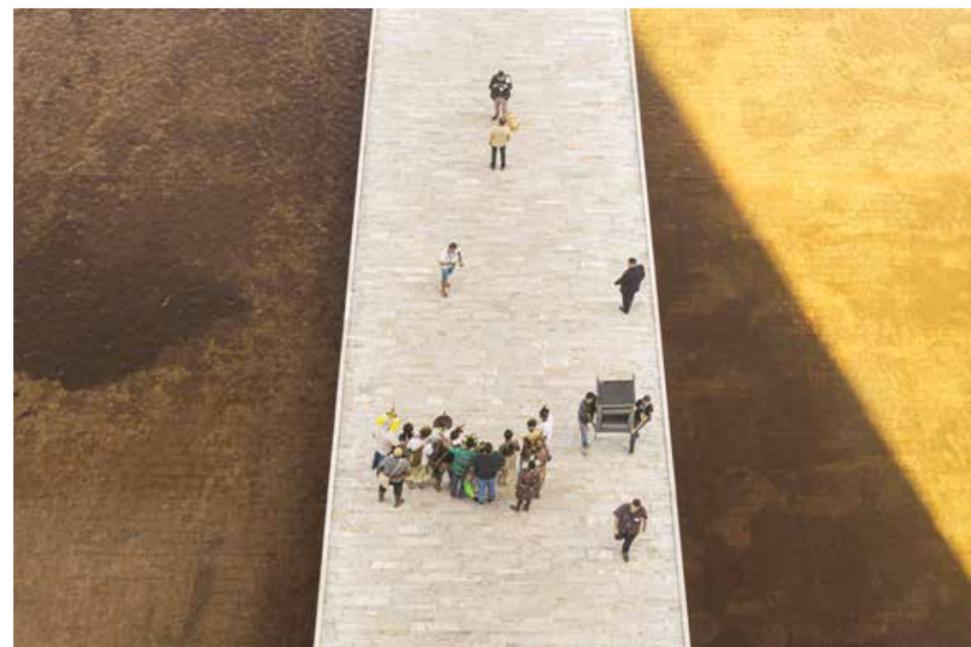
25



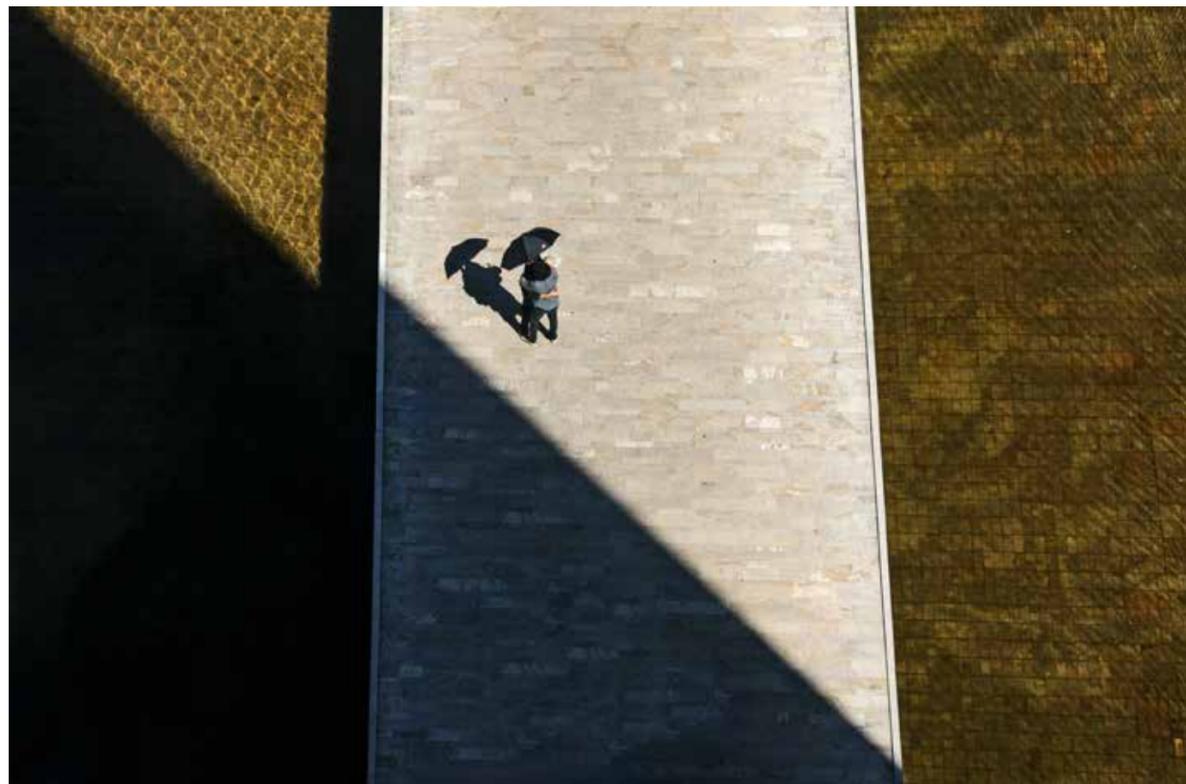
Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



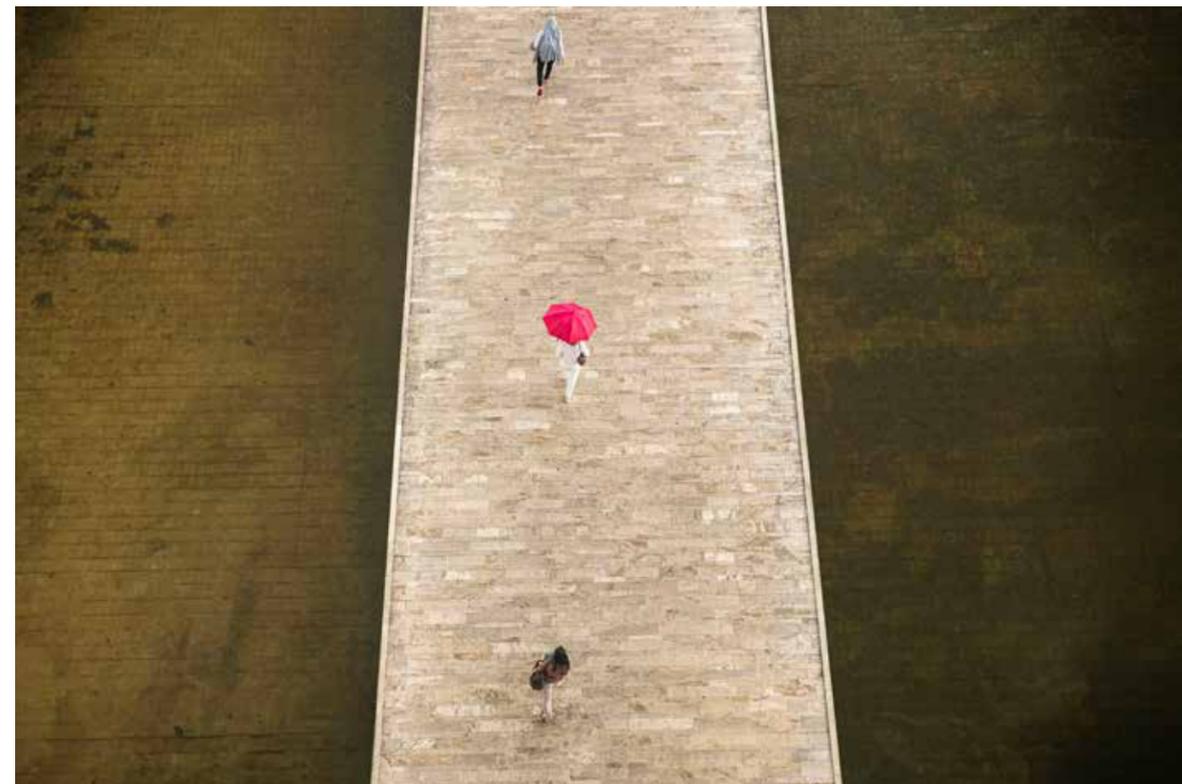
Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



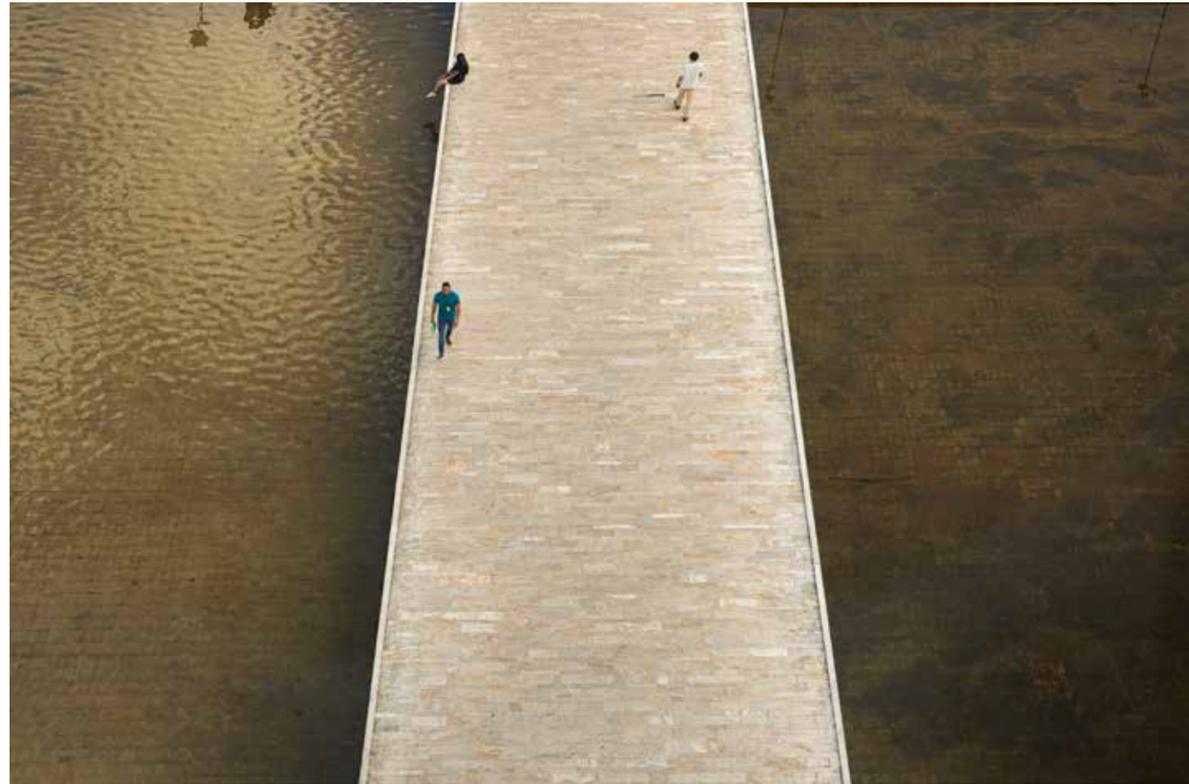
Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023

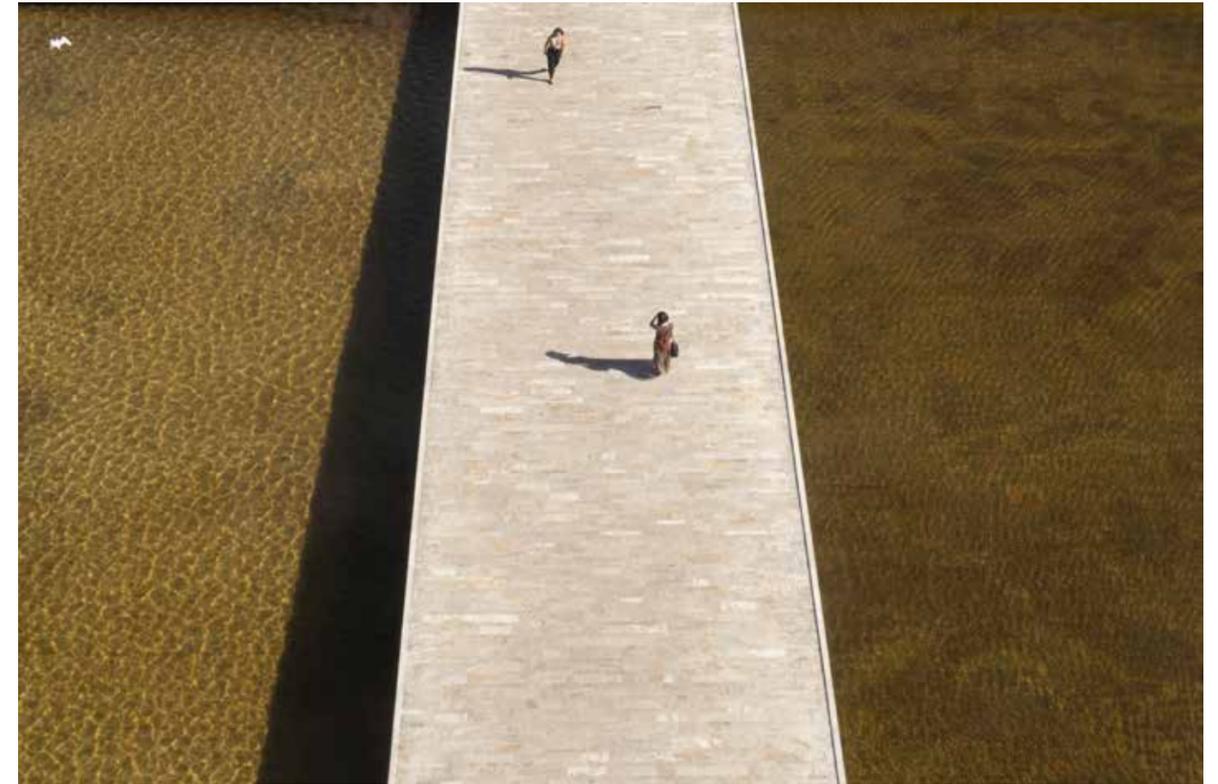


Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



32

Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023

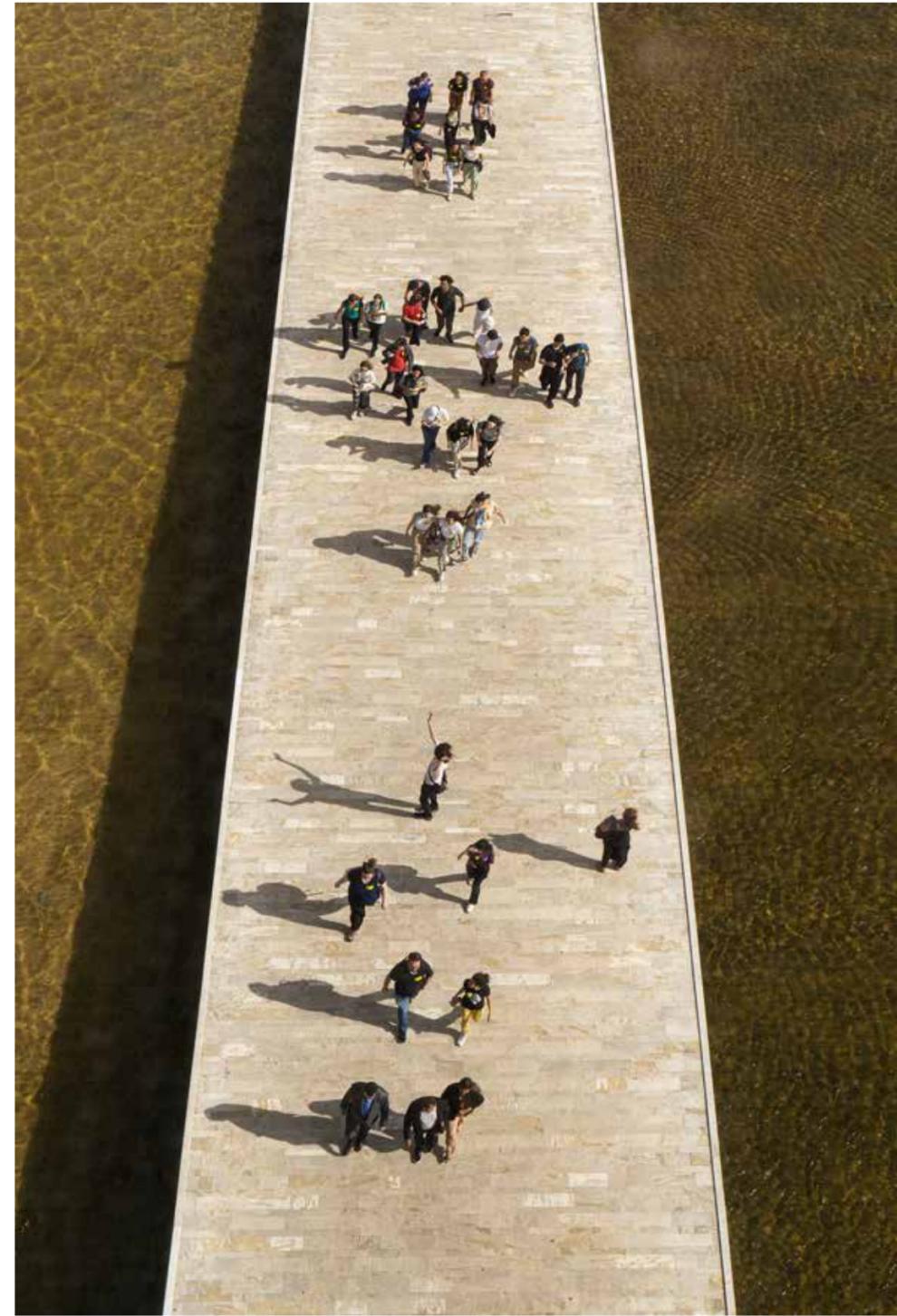


33

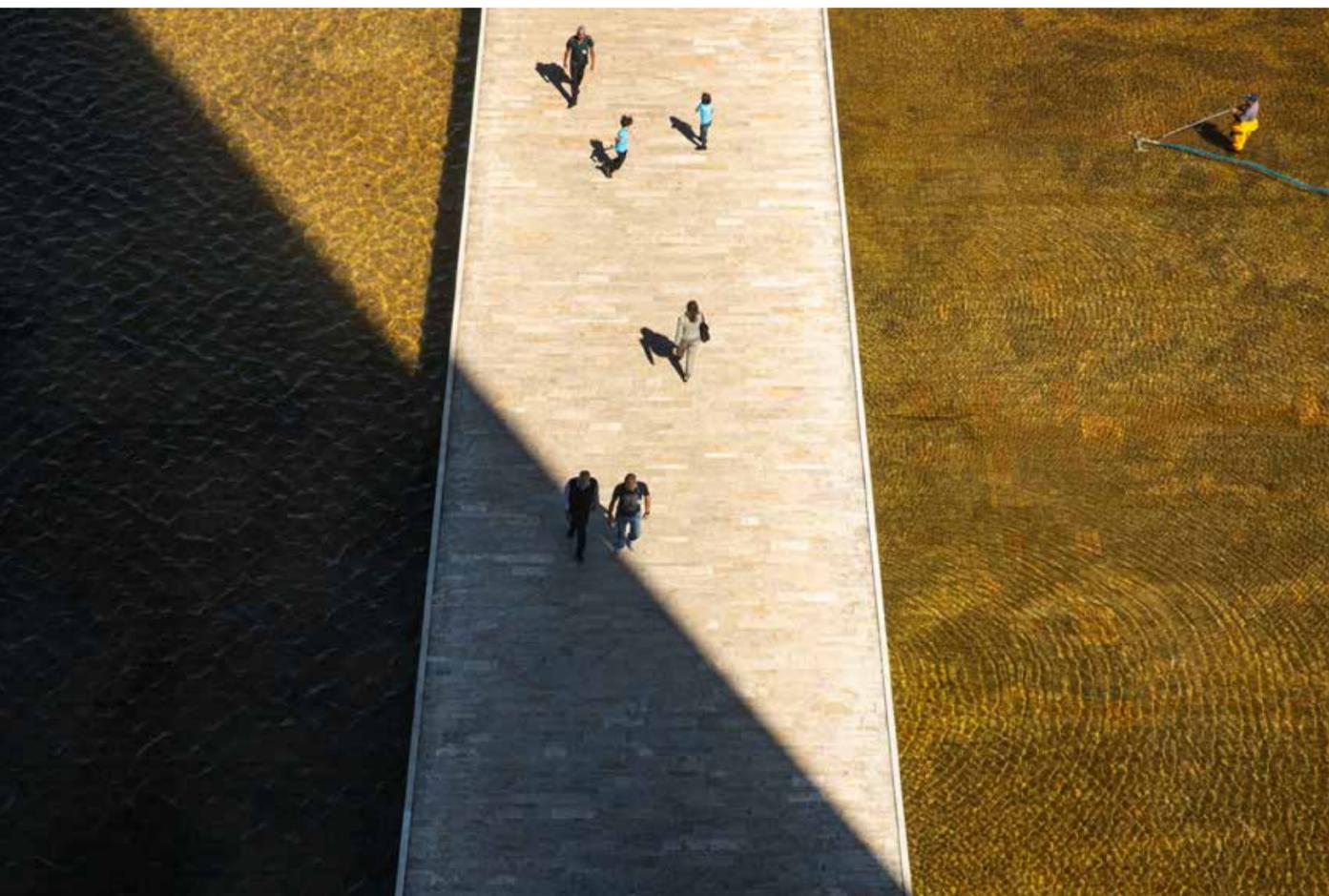
Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



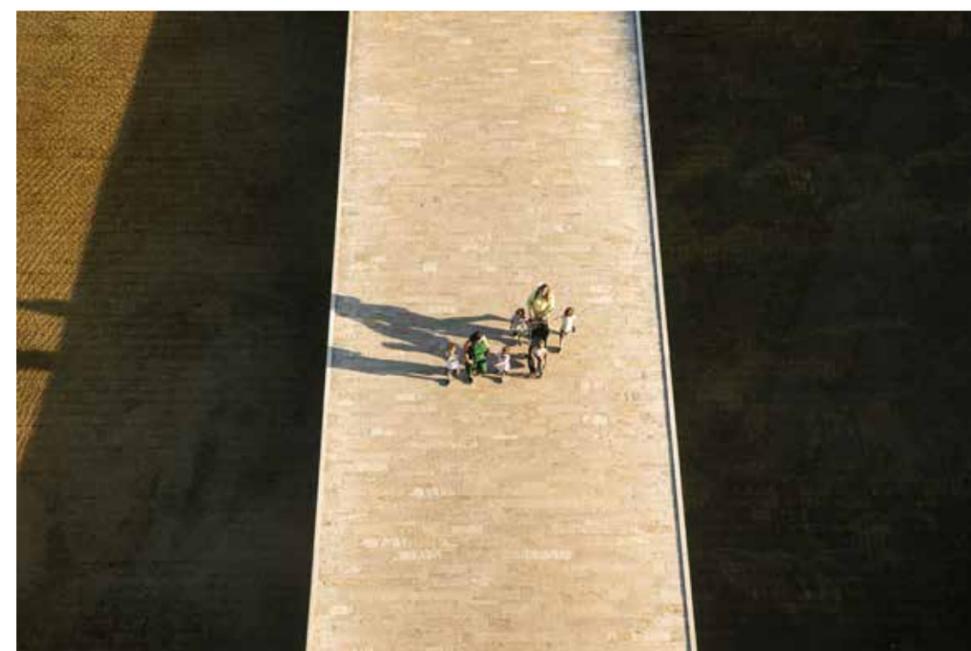
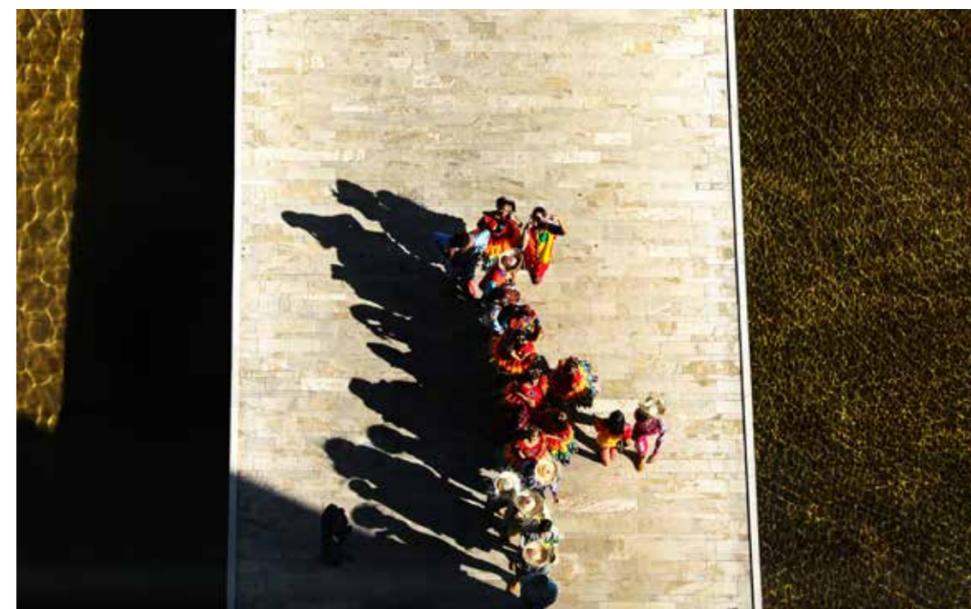
Sem título
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



Sem título
Fotografia digital
45 x 30 cm
2023



Sem titulo
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



Sem titulo
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023

Sem titulo
Fotografia digital
30 x 45 cm
2023



MAURO SAMPAIO

Mauro Sampaio é natural de Esperantina (PI), nascido em 1968. Reside em Brasília (DF) desde 2005. Servidor público federal, jornalista e fotógrafo. Publicou alguns livros, entre eles, *Gatos e cães nas janelas* (2023), sobre o uso por esses animais domésticos do espaço da janela em apartamentos de Brasília para se relacionar com a paisagem externa; *Abandono*, uma narrativa fotográfica contextualizada sobre as pessoas em situação de rua no Brasil (2020); e *De ônibus*, sobre a experiência de trocar o carro próprio pelo transporte coletivo (2017).

Participou da exposição coletiva *Quadrantes 2*, promovida pelo Centro Cultural Câmara dos Deputados, em 2017, com o ensaio *De ônibus*, e da Feira do Festival Internacional de Fotografia de Belo Horizonte de 2017, com o livro *De ônibus*.

Participou do Festival de Fotografia de Tiradentes de 2020 (virtual em razão da pandemia de coronavírus) com a fotografia *Abandono* (em exposição coletiva organizada pelo Ateliê Oriente para o festival) e da Feira de Fotolivros do mesmo festival em 2023, com *Gatos e cães nas janelas*.

Em 2024, recebeu menção honrosa no Prêmio Regina Santos de Fotografia, promovido pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal, com a imagem *Linha Esplanada* (categoria Cidade).





ITAUEIRA

"Fale de sua terra e estará falando do mundo."
Leon Tolstói

Itaueira é uma série sobre minha cidade, localizada no interior do Piauí. Nesse projeto, procuro fazer uma abordagem espontânea do cotidiano. Em geral, de pessoas comuns envolvidas em sua vida habitual ou em atividades culturais. Por isso, costumo dizer que ando com uma câmera na mão e nenhuma ideia na cabeça – como um *flâneur*, um caminhante observador que se interessa pelas coisas banais e ordinárias do ambiente ao redor –, recriando um mundo fora de mim, a partir dos vestígios que o mundo deixa em meus sentidos.

Gosto de pensar que a fotografia tem o poder de transformar essas coisas ou situações comuns em algo extraordinário. Susan Sontag dizia que se tudo o que uma pessoa faz ou pensa é relevante, então torna-se arbitrário tratar alguns momentos da vida

como importantes e a maioria como triviais. Fotografar é, portanto, atribuir importância. Qualquer instante, por mais banal que seja, pode ser admirável pelo simples fato de ter sido honrado pela atenção do fotógrafo.

Essa é a essência deste projeto: andar pelas ruas de Itaueira, frequentar ambientes diversos, interagir com esses ambientes e explorar a beleza do acaso e da espontaneidade – por meio de composições dinâmicas e pelas inúmeras possibilidades que a fotografia nos permite explorar. Assim, esses pequenos fragmentos de realidade, muitas vezes caóticos e insignificantes, passam a ter certa harmonia e relevância sob o olhar do fotógrafo. Passam a ter importância.



Sem título
 Revelação sobre papel fotográfico
 20 x 30 cm
 2022



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2022



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2022



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2024



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2022



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2020



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2022

Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2021



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2024



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2022

Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2023



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2021



Sem título
Revelação sobre papel fotográfico
20 x 30 cm
2020



YAGO SARAIVA

Yago Saraiva, 32 anos, fotógrafo, reside na pequena cidade de Itaueira (PI), interior do estado. Seu interesse pela fotografia despertou nos últimos anos da faculdade de Jornalismo, em São Paulo. Foi aluno do professor e fotógrafo Gabriel Cabral, na Prime Light Escola de Fotografia, e cursou Introdução à Fotografia como Arte, no MIS. Esses dois momentos foram fundamentais em seu desenvolvimento como fotógrafo, quando obteve um contato mais aprofundado com técnicas, linguagens e com grandes referências clássicas e contemporâneas da fotografia e demais artes –como pintura e cinema.

A partir daí se interessou cada vez mais pela fotografia de rua, muito inspirado pelo trabalho do Gabriel Cabral e do coletivo Selva SP. Em 2017, após a conclusão da faculdade, voltou para Itaueira,

e desde então registra o cotidiano da cidade sob a perspectiva da fotografia de rua, seu principal campo de atuação artística, sempre procurando trabalhar com momentos espontâneos, composições dinâmicas e/ou uso criativo de luzes e sombras.

Em 2020, lançou seu primeiro fotolivre, *FUÁ*, pela Sô Edições, e no ano seguinte foi o vencedor da primeira edição do Prêmio DocF, na categoria Cotidiano. Foi um dos selecionados, em 2023, para o livro *Antologia de Fotografia de Calle*, o primeiro dedicado à fotografia de rua na América Latina, organizado pelo coletivo mexicano Observadores Urbanos. Em 2024, também ficou entre os selecionados para a exposição na primeira edição do Dublin Street Photography Festival.





Câmara dos Deputados

Visitação de 8 de agosto a 12 de setembro de 2024, segunda a sexta, das 9h às 17h

Galeria Décimo | Anexo IV | Câmara dos Deputados

MESA DIRETORA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

PRESIDENTE **Arthur Lira (PP-AL)** | 1º VICE-PRESIDENTE **Marcos Pereira (REPUBLICANOS-SP)** | 2º VICE-PRESIDENTE **Sóstenes Cavalcante (PL-RJ)** | 1º SECRETÁRIO **Luciano Bivar (UNIÃO-PE)** | 2º SECRETÁRIA **Maria do Rosário (PT-RS)** | 3º SECRETÁRIO **Júlio Cesar (PSD-PI)** | 4º SECRETÁRIO **Lucio Mosquini (MDB-RO)** | SUPLENTE **Gilberto Nascimento (PSD-SP)**, **Pompeo de Mattos (PDT-RS)**, **Beto Pereira (PSDB-MS)**, **André Ferreira (PL-PE)**

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS

SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL **Jilmar Tatto (PT-SP)** | SECRETÁRIO DE PARTICIPAÇÃO, INTERAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS **Luciano Ducci (PSB-PR)** | DIRETORIA EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS **Cleber Queiroz Machado** | COORDENAÇÃO DE CERIMONIAL, EVENTOS E CULTURA **Frederico Fonseca de Almeida** | SUPERVISÃO DO CENTRO CULTURAL **Isabel Flecha de Lima** | COORDENAÇÃO DO PROJETO **Clauder Diniz** | PRODUÇÃO **Claudia Brisolla** | REVISÃO **Mariana Moura**, **Maria Amélia Elói** | PROJETO GRÁFICO **Mima Carfer**, **Jaqueline de Melo**, **Clara Iwanow** | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO **André Ventorim**, **Maurilio Magno**, **Paulo Titula**, **Wendel Fontenele** | MATERIAL GRÁFICO **Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA**

Contatos dos artistas

ANA CAMPORESE
(15) 99102-8983
annobcmcamporese@gmail.com
@camporeseanna_

MARCOS SAMPAIO
(61) 98161-9830
mauroadrianosampaio@gmail.com
@maurosampaio_fotografia

YAGO SARAIVA
(89) 99932-5057
yagosaraiva@gmail.com
@ma.druga

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional - Câmara dos Deputados
Anexo 1 - Sala 1601 - CEP 70160-900 - Brasília/DF
www.camara.leg.br/centrocultural

Brasília, agosto de 2024

Acesse nosso
edital de seleção



